



Passagens. Revista Internacional de História

Política e Cultura Jurídica

E-ISSN: 1984-2503

historiadodireito@historia.uf.br

Universidade Federal Fluminense

Brasil

Bocayuva, Helena

OBSERVANDO ALGUNS “ARRANJOS FAMILIARES” NAS FICÇÕES BRASILEIRAS

Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, vol. 2, núm. 3, mayo-agosto,

2010, pp. 98-112

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro, Brasil

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337327172005>

OBSERVANDO ALGUNS “ARRANJOS FAMILIARES” NAS FICÇÕES BRASILEIRAS

OBSERVING SOME “FAMILY ARRANGEMENTS” IN BRAZILIAN FICTION

DOI: 10.5533/1984-2503-20102305

Helena Bocayuva

RESUMO

Este artigo se apóia em romances brasileiros bastante conhecidos destacando a multiplicidade de arranjos familiares e as relações entre pais, padrastos, padrinhos, tíos, mães e crianças e jovens. Os romances mostram que relações sexuais entre meninas e figuras paternas são corriqueiras em nossa cultura, remetendo às relações de gênero moldadas pelo patriarcalismo e a escravidão.

Palavras-chave: Romances brasileiros, sexualidade, gênero, abuso sexual.

RESUMEN

Este artículo se apoya en novelas brasileñas bastante conocidas destacando la multiplicidad de arreglos familiares y las relaciones entre padres, padrastrlos, padrinos, tíos, madres y niños y jóvenes. Las novelas muestran que relaciones sexuales entre niñas y figuras paternas son habituales en nuestra cultura, remitiendo a las relaciones de género moldeadas por el patriarcalismo y la esclavitud.

Palabras-clave: Novelas brasileñas, sexualidad, género, abuso sexual.

ABSTRACT

This article is based on well known Brazilian novels, highlighting the multiplicity of family arrangements and the relationships between parents, step-parents, god mothers and fathers, uncles and aunts, mothers and children and youngsters. The novels demonstrate that sexual relations between girls and fatherly figures are ordinary in the

Brazilian culture and based on gender relations molded by patriarchal society and slavery.

Key-words: Brazilian novels, sexuality, gender, sexual abuse.

RÉSUMÉ

Cet article repose sur des romans brésiliens relativement connus et met en relief la multiplicité des arrangements familiaux et les rapports entre parents, beaux-parents, parrains, oncles, mères, enfants et adolescents. Les romans nous montrent que les rapports sexuels entre jeunes filles et figures paternelles sont courants dans notre culture et relèvent de rapports de genre configurés par le patriarcat et l'esclavage.

Mots-clés : Romans brésiliens, sexualité, genre, abus sexuels.

Apresentação

Duas palavras sobre o título do artigo: entendo por “arranjos familiares” a existência de membros de famílias, consanguíneos ou não, nem sempre vivendo sob o mesmo teto. Considero que ao falar de “arranjos familiares” enfatiza-se a multiplicidade de formas de organização familiar presentes no país hoje e ontem.¹

Se as relações entre pais e mães, tios ou padrinhos e seus filhos, sobrinhos e afilhados mudam ao longo de tempos e culturas, cada sociedade modela as suas à sua maneira, construindo narrativas para contá-las e até justificá-las - aqui me ocupo de resenhar as nossas, brasileiras, tal como expressas em alguns dos nossos clássicos, usando como fio condutor a obra de Gilberto Freyre (1900-1987).

Quero destacar que narrativas que descrevem a sociedade brasileira como território sem pai e sem lei são recorrentes ao longo da história.

Em “A Bahia do século XVIII - Notícias soteropolitanas e brasílicas”, publicado pela primeira vez em 1808, o cronista Luiz Santos Villena manifesta temor pelo “pernicioso contágio” das crianças, cujos familiares estariam imersos na “desordenada paixão sensual” que “domina” a cidade, “de forma que para sua correção parece não

¹ Amazonas, Maria Cristina et allii. (2003). “Arranjos familiares de crianças das camadas populares”. In *Psicologia em Estudo*, v. 8, número especial, p. 11-20.

bastar todo o rigor da Justiça (...) e isso por que falta quem valorize com toda sua força as da polícia".²

Décadas mais tarde é Quincas Borba, personagem de Machado de Assis (1839-1908) quem reclama: "Qual não há polícia nesta terra!".³

Um pouco mais tarde é o médico e acadêmico Afrânio Peixoto (1876-1959) que associa uma certa tendência a transgressão à cultura brasileira : "Se há uma lei no Brasil é para ser desrespeitada: cumpramos nosso dever cívico"⁴.

Às vésperas da República e no seu início, com a desagregação do sistema senhorial e as imensas mudanças que provoca na sociedade brasileira, os núcleos urbanos são palco do crescimento de uma população sem eira nem beira, constituída por brancos pobres e escravos libertos. Configuram uma grande massa de trabalhadores eventuais, cuja grande maioria sobrevive sem ocupação definida, perambulando nas cidades como Salvador, Recife e Rio de Janeiro. Para servir de parâmetro, cabe lembrar que, no Rio, capital do Império, por volta de 1850, vivia a maior concentração urbana de escravos desde o fim do Império Romano.⁵

Ao falar do Rio de Janeiro no romance "Clara dos Anjos", escrito e reescrito entre 1908 e 1920, quando afinal foi publicado, Lima Barreto descreve:

(...) becos imundos, que se originam da rua da Misericórdia (...) naquela vetusta parte da cidade (...) povoada do mais sórdido (...) na população. Aqueles becos escuros, guarneidos de um e outro lado de altos sobrados, de cujas janelas pendiam peças de roupa a enxugar, mal varridos (...) formavam uma estranha cidade à parte, onde iam se refugiar homens e mulheres caídos na mais baixa degradação e jaziam no último degrau da sociedade⁶.

São lamentos extremamente presentes na nossa literatura da virada do século XIX para o século de ontem, em autores como Adolfo Caminha (1867-1897), Aluísio de Azevedo (1857-1913), Lima Barreto (1881-1922) e Machado de Assis (1839-1908). Pode-se afirmar que os escritores acima citados consideram no mínimo "descuidada" a educação dos jovens brasileiros. Ecoam em romances editados na segunda metade do século passado, como é o caso de "Gabriela, cravo e canela" de Jorge Amado (1912-

² Villena, Luiz Santos (1987). *A Bahia do século XVIII. Notícias Soteropolitanas e brasílicas*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, p. 163.

³ Assis, Machado de (1997) (1981). "Quincas Borba". In *Romance. Obra Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 798.

⁴ Peixoto, Afrânio (1962) (1931). *Romances Completos*, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, p. 24.

⁵ Alencastro, Luiz Felipe de (1997). *História da Vida Privada no Brasil: Império*, São Paulo: Companhia das Letras, p. 25-26.

⁶ Lima Barreto, A. H. (2001) *Prosa Seleta/Lima Barreto*, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, p. 751.

2001) que menciona, de passagem, o que hoje se chama de abuso familiar: uma menina desvirginada pelo tio, que ocupava o lugar de figura paterna.

Estas e outras narrativas remetem ao mesmo paradigma, a falta de lei e ordem. São recheadas de assombrações relacionadas às determinações biológicas e de ironias sobre contágios. Sujeira, escuridão, assim como degeneração, sífilis, nervoso, miasmas, são também figuras de linguagem, que exibem e ocultam o que seria o grande fantasma: aqui vive a mais numerosa população de origem africana das Américas.

Remetem aos textos de hoje sobre a impunidade, as imagens sobre a falta de limites dos jovens, os discursos sobre a dissolução das famílias, o abuso sexual e as deficiências na área de segurança pública.

Vícios de educação

Inicio meu percurso citando a obra de Gilberto Freyre, notório estudioso da vida privada brasileira. O sociólogo pernambucano é autor de uma ampla e pioneira reflexão sobre as práticas de pais e mães brasileiros e suas relações com a ordem simbólica, no marco da longa duração.

Ao escrever sobre o que qualificou como a nossa “história íntima”, tanto em “Casa-Grande” quanto em “Sobrados e Mocambos” critica o que chama de “vícios de educação” dos meninos brasileiros, criados ao léu nos engenhos do auge do patriarcalismo ou nos sobrados e casebres da incipiente urbanização do século XIX. Nas suas palavras, em “Casa-Grande”:

Tanto o excesso de mimo de mulher na criação dos meninos e até dos mulatinhos, como o extremo oposto - a liberdade para os meninos brancos cedo vadiarem com os muleques safados na bagaceira, deflorarem negrinhas, emprenharem escravas, abusarem de animais - constituíram vícios de educação talvez inseparáveis do regime de economia escravocrata dentro do qual se formou o Brasil.⁷

Médicos e ficcionistas do fim do século XIX atribuem às mães brasileiras os “vícios de educação” de suas proles. As mulheres não estariam preparadas para as tarefas da modernidade, ou seja, a transmissão dos valores eugênicos e a interlocução

⁷ Freyre, Gilberto. (1998) (1933). *Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Rio de Janeiro: Record, p. 375.

com os médicos. Talvez os autores tivessem em mente a “mãe higiênica” da modernidade francesa, cujas “luzes” ofuscaram os espelhos brasileiros.⁸

Gilberto Freyre oferece, ao falar das gentes dos sobrados, um caminho para a reflexão sobre a precariedade das mães. Abre uma via para se pensar a modernidade brasileira, perfumada de francesismos, embora apoiada no trabalho escravo, ilustrando a famosa distância entre leis e práticas sociais, que Roberto Schwartz resumiu magistralmente com a expressão “ideias fora do lugar”.⁹

Ao falar das tarefas maternas nas áreas urbanas, o sociólogo pernambucano transcreve as frases do médico Correia de Azevedo (1872) que responsabilizava a “mãe indolente e inculta ao lado da ama-escrava e da mucama imoral, pelo fato do menino tão cedo tornar-se um perdido: no corpo, a sífilis, no espírito o debache”¹⁰. O médico lamentava a sina da mulher brasileira (da elite) dos meados do século XIX, desde a mais tenra idade moldada para melhor se submeter ao marido. Não havia, segundo essas narrativas, mulheres preparadas para fazer a mediação entre a pedagogia e a medicina. Faltava a mãe higiênica de que fala Foucault. Como diz Gizlene Neder, os positivistas brasileiros adequaram o perfil da mulher-suporte, “boa esposa” e “boa mãe”, prendada e tendo aprendido a ler e escrever na escola para poder desempenhar seu papel de educadora¹¹.

O campo dos sentimentos era feminino. Lembro aqui a mãe de Brás Cubas (1881), personagem que Machado de Assis descreve como “senhora fraca, de pouco cérebro e pouca educação”¹². Verdade seja dita: o pai de Brás Cubas é também muito indulgente com o filho. Limitava-se a rir e chamá-lo carinhosamente de brejeiro ao apanhá-lo cometendo uma grande “maldade”¹³.

Quanto às maldades, eram reveladoras de uma sociedade que atribuía ao escravo o estatuto jurídico de “coisa”. Assim, Brás chega a quebrar a cabeça de uma escrava que lhe negara uma prova do doce no tacho, isto depois de estragar o doce e

⁸ Bocayuva, Helena (2007). *Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro*, Rio de Janeiro: Revan.

⁹ Schwartz, Roberto (2000). *Ao Vencedor às Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.

¹⁰ Freyre, Gilberto (1996) (1936). *Sobrados e Mocambos. Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano*, Rio de Janeiro: Record, p. 115.

¹¹ Neder, Gizlene (2007). “Ajustando o foco das lentes, um novo olhar sobre a organização das famílias”, In Kaloustian, Silvio (org.) (2007). *Família brasileira: a base de tudo*, 4 ed, São Paulo: Cortez.

¹² Assis, Machado de (1997) (1881), “Memórias Póstumas de Bras Cubas”. In *Obra completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 527.

¹³ Ibidem.

inventar calúnia sobre a pobre, ou ainda, fazer um escravo de cavalo, sem esquecer o uso do chicote.

Seguindo o fio dos “vícios de educação”, abordo uma obra de Aluísio de Azevedo. É autor de vários romances emblemáticos para o imaginário brasileiro. Em “Casa de Pensão” (1884) descreve o pai e a mãe do protagonista Amâncio Vasconcelos. O velho Vasconcelos seria um português “*antigo e austero*”, que confundia “*respeito*” com “*terror*”. Na infância, o menino levou muita “*bordoada*”.¹⁴

Talvez se possa imaginar que Azevedo, ao construir o perfil do pai de Amâncio, visava ressaltar sua distância em relação aos preceitos iluministas sobre a educação infantil. Tomando os exemplos contidos no livro “*Emilio*” de Rousseau (1712-1778), até os seis anos a criança teria que ficar a cargo da mãe, a partir desta idade caberia ao pai as tarefas de preceptor. Rousseau, que delegou os cuidados de seus cinco filhos à Assistência Pública, recomendava que os pais se tornassem mestres de seus filhos, o zelo paterno supriria eventuais deficiências de talento pedagógico.

O filósofo francês reiterou a necessidade de despertar a curiosidade da criança, através da observação e de muito diálogo. No texto do autor maranhense, em tudo influenciado pela cultura francesa, Vasconcelos pai nunca “*puxava (o filho) para junto de si, nem conversava com ele (...) e na idade que a inteligência se desabotoa*” – a leitura indica que isto se daria por volta de dez anos –, ao fazer alguma pergunta ouvia um berro repreendendo-o por ser “*bisbilhoteiro*”.

Entretanto, a mãe de Amâncio, “*D. Angela, (era) uma santa. Precocemente envelhecida pelos cabelos brancos, não raro se voltava contra o marido e apadrinhava o filho*”¹⁵.

Amenizar o quanto possível os excessos de severidade do *pater familias*, muitas vezes cruel com os filhos, seria uma tarefa materna por excelência, diz Gilberto Freire – criticando, por vezes, a doçura excessiva manifestada pelas mães, talvez extravasando com os filhos o carinho que não recebiam do marido. “*O filho era um pouco o namorado da mãe, e às vezes da avó, ambas lhe cantavam modinhas*”¹⁶.

No caso de Amâncio, a avó em questão era muito rica e ignorante. Analfabeta e devota, era louca por ele, e lhe fazia todas as vontades. Quanto ao menino, se contrariado, jogava os pratos nos escravos que serviam à mesa.

¹⁴ Azevedo, Aluísio de (2005) (1884) “Casa de Pensão”. In *Ficção Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguillar, p. 764.

¹⁵ Ibidem, p. 760.

¹⁶ Freyre, Gilberto (1996) (1936), op. cit., p. 114.

Aos doze anos, encerrando a primeira parte de seus estudos, embora praticamente analfabeto, ganhou um relógio de ouro do pai, um escravo da avó e o primeiro mal-estar causado por excesso de álcool – a comemoração foi regada a vinhos franceses. Depois foi curar o enjoo na cama da mãe.

Mais tarde, Amâncio deixa São Luiz e se instala no Rio, “a nossa Paris”, para estudar. Estuda o menos que pode, entretanto consegue passar nos exames do primeiro ano de medicina. Seduz algumas mocinhas, transmite a sífilis a pelo menos uma delas e morre assassinado no Hotel Paris, abraçado à uma francesa. O homicídio teria justificativa: o dono da casa de pensão vingava a honra de sua irmã, Amelinha. Apesar de tudo, foi um enterro concorridíssimo e as lojas elegantes do Rio de Janeiro não deram conta da clientela que acorria, ávida por chapéus e bengalas à moda de Amâncio Vasconcelos.

Retomo algumas dessas questões tendo em mente o romance “Clara dos Anjos” de Lima Barreto¹⁷. A ação se passa num contexto social distinto da obra citada de Aluísio de Azevedo. Aqui se move a “pobreza envergonhada” urbana...

Em poucas palavras, lembro o tema de “Clara dos Anjos”: é a história de uma mulata de 17 anos, seduzida por rapaz branco, uzeiro e vezeiro na arte de deflorar moças, em geral socialmente inferiores a ele.

O romance coloca em cena a vida num domicílio de classe média baixa carioca do início dos anos 1900, um chalé, como aqueles descritos por Gilberto Freyre nos “Sobrados”¹⁸. O pai de Clara, Joaquim dos Anjos, funcionário público, carteiro, complementa os rendimentos fazendo cópias de partituras musicais, com ajuda de Clara. Sua mãe, Engrácia, descendente de antigos libertos, sedentária e caseira, dedica-se exclusivamente a seu pequeno mundo privado. Tinha sido criada com desvelos de filha de família abastada, diziam que descendia dos rapazes da casa.

Como outros personagens femininos do período, Engrácia vive mergulhada nas emoções domésticas, tendo enterrado com o casamento a instrução “mimosa” que recebera. Exceção feita para as tarefas inerentes à sobrevivência de seu grupo familiar, evitava qualquer esforço. “Inerte”, “passiva”, incapaz de qualquer iniciativa, perdia praticamente a razão diante de um imprevisto: “Qualquer acontecimento inesperado que lhe surgisse no lar punha-a tonta e desvairada”¹⁹.

¹⁷ Lima Barreto, A. H. (2001), op. cit.

¹⁸ Freyre, Gilberto (1996) (1936), op. cit.

¹⁹ Lima Barreto, A. H. (2001), op. cit, p. 673.

Clara, a protagonista do romance, é pintada com as mesmas tintas cruéis que o autor utilizou para fazer o retrato da própria irmã. Não parece capaz de fazer face às intempéries da vida. “Amorfa” e “pastosa”, teria necessitado de mãos fortes para ser modelada e fixada, diz o autor, reiterando que seus pais não teriam capacidade para tal. A mãe se limitava a vigiar, em vão, a virgindade da menina.

Quanto ao pai, Joaquim dos Anjos vivia totalmente absorvido nas suas tarefas de carteiro, indo e vindo da cidade ao subúrbio, para buscar ou entregar as pautas de música que copiava para complementar os vencimentos.

Algumas poucas diferenças sociais separam a família de Clara da família do seu sedutor, ambas dependentes de vencimentos de pequenos funcionários públicos. É bem verdade que Cassi é branco, tem vagos antepassados ingleses e mora numa rua com calçamento.

Na família, o pai se ocupava exclusivamente de garantir o sustento da casa. A mãe era demasiado indulgente, Cassi teve educação e instrução “descuidadas”. O descuido seria decorrência da luta pela sobrevivência da família, que absorvia o pai, seu Manoel, dia e noite sem lhe deixar tempo para “vigiar” a educação do filho. Sem a vigilância de seu Manoel, o menino se tornou “rebelde”, a mãe o tratava com excesso de doçura, não o corrigindo quando necessário.²⁰

Lima Barreto pouco detalha a educação de Cassi. Aos treze anos, era praticamente analfabeto: fazia gazeta, em vez de ir ao colégio. Colocado num internato católico, ao fim de poucos meses é expulso por razões não esclarecidas para o leitor, mas que fazem seu pai chorar de vergonha.

Destaco que na narrativa de Lima Barreto, a educação de Cassi e a de Clara são precárias já que, em ambas famílias, uma única pessoa teria competência para tal - o pai, que, entretanto, estava absorvido totalmente nas tarefas de provedor.

Com honrosas exceções, os personagens femininos de Lima Barreto não estão preparados para nenhuma tarefa mais exigente. Salva-se no romance Dona Margarida, talvez por que de origem russo-alemã.²¹ Era vizinha da família de Clara dos Anjos, trabalhava para se manter, socorria os vizinhos nos momentos difíceis, quando Engrácia, por exemplo, desatinava diante de uma dor de dentes da filha. Também pode-se observar que Dona Margarida era capaz de manter o filho na escola e sempre

²⁰ Ibidem, p. 655.

²¹ Ibidem, p. 665.

de uniforme “*junto a si*”²². Nas entrelinhas, pode-se ler a alusão à transmissão de normas, o que a mulher de origem russo-alemã era capaz, e nós brasileiros, não, talvez porque, morenos e miscigenados, beiremos a degenerescência e todos os seus males, entre os quais, o “nervoso” feminino.

Ao contrário do filho de dona Margarida, sempre de uniforme escolar, não se vê referência à escola da menina. Numa crônica de 1918, Lima Barreto comenta que “*as moças que não tinham como pagar, não tinham como estudar*”²³. Toda a educação secundária das moças restringe-se à Escola Normal, onde só entram com muita dificuldade, diz o autor. Clara cresce no subúrbio, longe das tentações da cidade, longe também de qualquer atividade.

As menções à sua formação cultural restringem-se às aulas de bordado dadas por dona Margarida e a eventuais aulas de música, dadas pelo pai, numa rara hora vaga. Restava-lhe o devaneio, “*o sonho lânguido*”, as modinhas e o som dos violeiros²⁴. No primeiro contacto com o sedutor, engravidada. Ao procurar, com a ajuda de dona Margarida, o rapaz e sua família, é escorraçada pela mãe do rapaz. Resta-lhe a “resignação”, que poderia ter sido transformada pela “educação e o fortalecimento do caráter”, como diz nosso autor.

Cabe fazer um parêntesis e aproximar-se do texto por outra via. Lima Barreto expõe núcleos familiares do tipo pai trabalhador, mãe do lar, que se aproxima dos moldes da “Sagrada Família”, cuja idealização se espalhou pelo mundo ocidental de forma pronunciada a partir do século XIX. Sabe-se que esse modelo de família conjugal não correspondeu à pluralidade dos “arranjos familiares”, disseminados pelo Brasil afora, hoje e ontem. Talvez a intensidade da idealização tenha contribuído para estigmatizar grande parte das famílias brasileiras, sobretudo as mais desfavorecidas, percebidas pelos poderes públicos e pela mídia como “*desestruturadas*”²⁵.

Numa crônica de 1905, Lima Barreto não deixa dúvidas sobre o que considera atribuição paterna. Conta que estava sentado num banco no Campo de Santana, quando aproximou-se uma mulher com uma criança nos braços, pedindo esmolas. A

²² Ibidem, p. 774.

²³ Lima Barreto, A. H. (2001) (1918), op. cit, p. 97.

²⁴ Lima Barreto, A. H. (2001) (1920), op. cit, p. 708.

²⁵ Batista, Vera Malaguti (1998). *Difícil ganhos fáceis. Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia. Freitas Bastos.

mulher afirmou que a criança não tinha mãe e a crônica se encerra com a afirmação do grande escritor carioca: “eu creio que quem lhe faltava era o pai”²⁶.

Assim, pode-se deduzir que, no período, o pai que supre as necessidades materiais de sua família está quites com suas responsabilidades. Pode-se lembrar aqui o livro da historiadora Elisabeth Badinter, “Um amor conquistado - o mito do amor materno”, que trata da história “íntima” francesa entre os séculos XVII e XX. Publicado no ano de 1980 na França, causou tanto impacto que vendeu 500.000 exemplares. Badinter aborda o caráter de classe da metáfora “pai ausente”, tão apreciada ainda hoje pelos operadores das políticas para crianças e adolescentes brasileiros. Segundo a autora, o “pai ausente” é pobre e desvalido, sem condições de exercer as funções de provedor.

Sexo e relações de parentesco e compadrio

A seguir abordo o tema das relações sexuais entre meninas e figuras paternas através de dois romances brasileiros, publicados com pouco mais de cinquenta anos de intervalo. O primeiro caso é narrado em “A Normalista” (1893), de Adolfo Caminha (1867-1897). Conta a história da jovem cearense Maria do Carmo, deixada aos cuidados do padrinho nos idos de 1877. Alude às relações de compadrio que fornecem até hoje alternativas para a circulação de crianças, como diz Fonseca²⁷.

A grande estiagem que desgraçou o Ceará em 1877 é o início da história da menina, que, com o pai, a mãe e dois irmãos, deixou a terra arrasada rumo a Fortaleza. Dois dias depois da chegada à casa do padrinho João da Mata, morre a mãe, desgastada pela longa viagem. Seu pai decide então recomeçar a vida no Pará, que vivia o surto da borracha, levando com ele os filhos homens e deixando Maria do Carmo com João da Mata e a mulher, ou melhor, amásia, Teresinha. Já de início pode-se prever dissabores para Maria do Carmo, vivendo em casa não abençoada pelo matrimônio celebrado na Santa Madre Igreja. Afinal, como diz o padrinho João da Mata, “mulher amigada é como se fosse uma fêmea qualquer”²⁸.

²⁶ Lima Barreto, A. H. (2001) (1918), op. cit, p. 1262.

²⁷ Fonseca, Cláudia (1997). “Ser mãe, mulher e pobre”. In Priore, Mary del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*, 2^a Ed, São Paulo: Contexto.

²⁸ Caminha, Adolfo (1950). *A Normalista*, São Paulo: Editora “Jornal dos Livros”. Prefácio de Raimundo de Menezes, p. 80.

A menina cresce, torna-se moça e apetitosa, como diz o autor, e o padrinho se aproxima cada vez mais. Não a tinha criado desde a idade de seis anos? Tinha direitos sobre a menina, podia beijá-la à vontade, até na boca. Assim, o padrinho vai pouco a pouco se apossando do corpo da menina. Afinal, o caminho de certa forma estava autorizado, já que o único padre que lhe frequentava a casa era o Conégo Feitosa, que tinha *afilhadas* em casa, padres são “*fisicamente homens*”²⁹, como diz Adolfo Caminha.

Ora, casos entre padrinhos e afilhadas existem desde que o mundo é mundo. Tanto é que o Código Criminal do Império do Brasil em vigor até 1890, ou seja, apenas três anos antes da publicação de “A Normalista” previa, além do dote, “*penas de desterro por dois a seis anos para fora da província em que residir a deflorada*”, caso o estupro tenha sido cometido por alguém que tenha poder e guarda sobre a “*mujer virgem, menor de dezesseis anos*”, como era o caso (Art. 220). O desfecho também não tarda e em breve a menina aguarda a barriga crescer num canto escondido na roça, casa de um pobre que devia favores a João da Mata.

A criança nasce, mas não vinga: morre logo após o parto já que foi “mal aparada”. Meses depois, Maria volta à Escola Normal e retoma o curso interrompido. Entretementes, o Imperador tinha sido deposto, para tristeza de João da Mata, mas há males de uns que favorecem o bem de outros. Imerso nos acontecimentos políticos, o povo esquece os pequenos episódios domésticos. Assim, Maria do Carmo se torna noiva de um alferes e sonha com um futuro risonho.

Como havia dito o padrinho “(...) *são segredos que não aparecem*”³⁰. O final feliz da história parece indicar que afinal as relações sexuais entre meninas e figuras paternas são corriqueiras em nossa cultura, remetendo às relações de gênero, moldadas pelo patricialismo e a escravidão.³¹

O segundo romance a ser abordado agora é “Gabriela, cravo e canela”. Faço um temerário salto no tempo para falar de um romance publicado pela primeira vez em 1958, que se tornou depois roteiro de filme e seriado de TV. O grande tema do livro “Gabriela, cravo e canela”³² é a modernização da sociedade agroexportadora: a cidade de Ilhéus nos anos 20 do século passado é palco das transformações sociais que resultam da riqueza gerada pela exportação do cacau.

²⁹ Ibidem, p. 25.

³⁰ Ibidem, p. 29.

³¹ Bocayuva, Helena (2001). *Erotismo à brasileira. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro: Garamond, p. 71.

³² Amado, Jorge (2008) (1958). *Gabriela, cravo e canela - Crônica de uma cidade do interior*, São Paulo: Cia das Letras.

O assassinato da mulher de um coronel do cacau e o do dentista, seu amante, pelo marido traído inicia o livro. Toda a cidade está certa que o marido será absolvido sob o argumento da defesa da honra, que justificava o homicídio de mulheres, sob suspeita ou flagrante de adultério. A honra masculina era lavada a sangue.

No mesmo dia, Gabriela chega a Ilhéus fugindo da seca e é contratada como cozinheira por Nacib, comerciante e dono do bar Vesúvio. Havia aprendido a cozinhar em casa de gente rica e buscava trabalho na cidade.

Suja de poeira da longa caminhada do sertão até às terras verdes do sul da Bahia, nem assim tem menos encantos. Sem pai nem mãe, ainda menina é entregue para ser criada pelo tio materno e sua mulher. O tio logo se mete em sua cama.³³ Observa-se que o comportamento do tio não foi ignorado pela mulher: conta o romance que a tia se descabelava e protestava, sem sucesso.

A vida dura de retirante não terminou com a alegria da moça, que é destacada em todo o romance. Tal como um pássaro, gosta de viver, desde que não seja entre grades de gaiola. Também pode-se supor que o estupro cometido pelo tio nada atrapalhou a vida da menina Gabriela, que gostava de preparar comida cheirosa, cantar, dançar e namorar: “(...) era tão bom dormir com homem, mas não homem velho por casa, comida, roupa e sapato. Com homem moço, homem forte e bonito como seu Nacib”.³⁴

Assim segue a vida de Gabriela, trabalhando na limpeza de casa, lavando e passando e abastecendo o bar Vesúvio de salgados e doces, de preparo longo e refinado. Afinal, acarajé e abará são feitos com farinha de feijão catado e moído à mão... Quando chega ao bar, levando os tabuleiros de guloseimas ou a marmita do patrão e amante, parece dançar com os pés miúdos que mal tocam o chão, sorriso nos lábios e olhos baixos, sinal de submissão feminina. A personagem parece corresponder ao mítico desejo masculino, de dia quase mãe, alimentando os próximos; à noite, sempre disposta aos prazeres do amor. Casa-se de papel passado com Nacib, mas diverte-se na cama com outros. Quando a traição foi delatada acharam por bem anular o casamento. Nacib, livre dos ciúmes, volta a desfrutar dos quitutes e da cama de Gabriela. Ilhéus assim chega à modernidade: Nacib não é corno e o coronel que matou a mulher e o amante foi condenado. E Gabriela, apesar de desvirginada pelo tio que deveria protegê-la, vive muito bem, obrigado.

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem, p. 204.

Considerações finais

Gilberto Freyre (1900-1987), em “Casa-Grande & Senzala”, comenta que os viajantes estrangeiros não precisavam de casos evidentes de incesto para se chocarem. Ficavam escandalizados com os numerosos casos de matrimônios entre tios e sobrinhos, que visavam preservar as propriedades. Casamentos entre mocinhas e senhores idosos talvez hoje considerados “pedófilos” eram corriqueiros a ponto de terem ocupado romancistas³⁵ e médicos. Seriam uniões “muito nocivas à saúde e à prosperidade públicas”, além de “repelidas pela natureza”.³⁶

Quanto às relações sexuais entre adultos e meninas ainda impúberes, postulava-se seu caráter terapêutico: um homem afetado pela blenorragia ou sífilis acharia desta forma a cura.³⁷ O médico Pereira das Neves, escrevendo no meado do século XIX, conta um exame de delito que presenciou: a vítima era uma menina branca de apenas cinco anos e a relação visava a cura da sífilis que acometia o varão.³⁸

Finalizava este texto quando li a *Folha de S. Paulo* de 22/06/2009: no caderno *Cotidiano*, foi publicada a matéria intitulada “Crianças de Marajó se prostituem por hot-dog”. Diz que em Portel (Ilha do Marajó, 25 horas de barco de Belém) um terço dos presos da cadeia pública lá está por abuso sexual de crianças de suas famílias...

Permanências? Quase sempre o que está perto vem de longe...

Referências

Alencar, José. (1959). *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguillar.

Amazonas, Maria Cristina et alii. (2003). “Arranjos familiares de crianças das camadas populares”. In *Psicologia em Estudo*, v. 8, número especial, p. 11-20.

Amado, Jorge. (2008) (1958). *Gabriela, cravo e canela - Crônica de uma cidade do interior*, São Paulo: Cia das Letras.

Azevedo, Aluísio. (2005) (1884). *Ficção Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar.

³⁵ Alencar, José de (1959). *Obra Completa*, Rio de Janeiro: Aguillar, p. 322.

³⁶ Moncorvo, Laurindo M. de Ataíde (1884). *Algumas considerações higiênicas e médico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*, Rio de Janeiro: Imparcial de F. De Paula Brito, p. 4.

³⁷ Freyre, Gilberto (1992) (1933). *Casa-Grande & Senzala. Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil*, p. 396.

³⁸ Ibidem.

Badinter, Elisabeth. (1980). *L'amour en plus - l'histoire de l'amour maternel*. XVII-XX siècles, Paris: Flammarion.

Batista, Vera Malaguti. (1998). *Difícies ganhos fáceis. Drogas e Juventude Pobre no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia. Freitas Bastos.

_____. (2003). *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*, Rio de Janeiro: Revan.

Birman, Joel. (2001). *Gramáticas do Erotismo. A feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Bocayuva, Helena. (2007). *Sexualidade e gênero no imaginário brasileiro*, Rio de Janeiro: Revan.

_____. (2001). *Erotismo à brasileira. O excesso sexual na obra de Gilberto Freyre*, Rio de Janeiro: Garamond.

Caminha, Adolfo. (1950). *A Normalista*, São Paulo: Editora “Jornal dos Livros”. Prefácio de Raimundo de Menezes.

Freyre, Gilberto. (1933) (1992). *Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, Rio de Janeiro: Record.

_____. (1936) (1996). *Sobrados e Mocambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, Rio de Janeiro: Record.

Lima Barreto, A. H. (2001) (1920). “Clara dos Anjos” In Vasconcellos (org.). (2001) *Prosa Seleta/ Lima Barreto*, Rio de Janeiro: Nova Aguillar.

_____. (2001) (1918). “Memorialística/Diário Íntimo” In Vasconcellos (org.). (2001) *Prosa Seleta/ Lima Barreto*, Rio de Janeiro: Nova Aguillar.

Machado de Assis. (1997) (1881) “Memórias Póstumas de Bras Cubas”. In *Obra completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.

_____. (1997) (1891). “Quincas Borba”. In *Romance. Obra Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar

Marcílio, M.L. (1997). “A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil Colonial 1726-1950”. In Freitas, M. (Org.) *História Social da Infância no Brasil*, São Paulo: Cortez.

Moncorvo, Laurindo M. de Ataíde. (1884). *Algumas considerações higiênicas e medico-legais sobre o casamento e seus casos de nulidade*, Rio de Janeiro: Imparcial de F. de Paula Brito.

Neder, Gizlene (1994). "Ajustando o foco das lentes, um novo olhar sobre a organização das famílias". In: Kaloustian, Sílvio (Org.) *Família Brasileira: a base de tudo*, 4^a Ed, São Paulo: Cortez.

_____. (2007). "Família, poder e controle social: concepções sobre a família no Brasil na passagem à modernidade". In Neder, Gizlene & Gisálio Cerqueira (Org.) *Idéias Jurídicas e autoridade na família*, Rio de Janeiro: Revan.

Peixoto, Afrânio. (1931) (1962). *Romances Completos*, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar.

Pierangeli, José Henrique. (2001). *Códigos Penais do Brasil: evolução histórica*, 2^a Ed, São Paulo: Editora Revista dos Tribunais .

Priore, Mary (Org.). et alii. (1997). *História das Mulheres no Brasil*, 2a. Ed, São Paulo: Contexto.

Schwartz, Roberto. (2000). *Ao Vencedor às Batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34.

Rousseau, Jean-Jacques. (1995) (1780). *Emile ou de L' Éducation*, Paris: Gallimard.

Villena, Luiz Santos. (1987). *A Bahia do século XVIII. Notícias Soteropolitanas e brasílicas*, Rio de Janeiro: Arquivo Nacional

Periódico: Jornal *Folha de São Paulo*. Dia 22/06/2009. Caderno Cotidiano.